

Claudia Ribeiro <sup>1</sup>  
 Cornelia Eckert <sup>2</sup>  
 Fabricio Barreto <sup>3</sup>  
 Felipe da Silva Rodrigues <sup>4</sup>

# Etnografias do confinamento: Apresentação

## SOBRE ESTARMOS JUNTOS E CONTINUAR

Em março 2020, mal havíamos retomado o semestre de trabalhos no Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) no Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando sobreveio a notícia do alastramento da Pandemia de Covid-19 no território brasileiro e a sequência de medidas tomadas por governadores e prefeitos, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Todas as instituições de ensino encerraram as atividades presenciais, como foi o caso da UFRGS, que logo dispôs aos docentes e discentes um modo conferência para reuniões virtuais.

Entrei em contato com os pesquisadores do Navisual e propus nos encontrarmos por esta via, considerando que em grande maioria dos integrantes temos acesso à internet e equipamento para contato virtual.

A primeira reunião, com esta nova interface, ocorreu no dia 17 de março 2020. Lembro bem de esclarecer ao grupo que não se tratava de mantermos as reuniões por obrigatoriedade, mas que para mim era importante saber que todos e todas estavam bem, se cuidando e com saúde em todos os sentidos. Minha proposta era para, ao menos uma vez por semana, estarmos juntas e juntos. A questão, no entanto, era precisar o motivo para o nosso habitual momento de trocas e aprendizado de antropologia visual. Surgiu então a ideia, reconfigurando as três horas do encontro de todas às terças-feiras a partir das 14 horas: “Pessoal, vamos fazer uma oficina com equipamento imagético sobre a nossa experiência de confinamento?”

A reação foi positiva. A proposta logo se concretizou a partir de uma conversa com o navisualiano fotógrafo e antropólogo Fabricio Barreto. Propus darmos uma oficina sobre a experiência cotidiana de cada um, cada uma, dos (das) pesquisadores do Navisual. Fabrício daria conferências sobre a produção de imagens com um aparelho de captação de imagens (máquina fotográfica, celular) bem como orientação técnica e conceitual para elaboração de ensaios fotográficos no formato de narrativas visuais. Enquanto isso, Cornelia Eckert, apresentava material bibliográfico sobre o novo coronavírus sob o ponto de vista de intelectuais cientistas sociais ou outros experts.

Nomeamos, eu e Fabricio, os encontros de Oficina Etnografia do Confinamento, montando ele um programa de formação de produção de imagens dirigida para o exercício etnográfico. Felipe Rodrigues somou-se ao grupo, principalmente orientando-nos sobre montagem e diagramação do material imagético coletado em nossas pesquisas. Eu orientei sobre o fazer etnográfico, buscando dinamicamente um reposicionamento desta nossa cotidiana ocupação em tempos de distanciamento social: seja aportando estudos e análises que logo começaram a circular, seja trazendo as ideias em debate na comunidade antropológica, tendo em vista, por exemplo, possibilidades de pesquisa mediadas pelas redes sociais.

O programa para a Oficina levava em consideração o desafio de etnografar nossa própria experiência de permanecer em casa, com saídas apenas para o absolutamente necessário e a adesão aos novos hábitos de segurança e de proteção à infecção do vírus que passaram a ser recomendados: uso de máscaras, uso de álcool gel ou álcool, distanciamento social. Em grande maioria confinados, imersos em nossa bolha (pois isso foi para nós possível), procuramos desenvolver uma etnografia do familiar, da Alteridade próxima, a partir da nossa rede de convívio diário. Seguindo a tradição do ofício do etnógrafo, orientávamos para manter um olhar distanciado e reflexivo para estas novas rotinas. Confinados em nossas casas, fomos debatendo sobre um campo conceitual interpretativo para considerar a produção de imagens sobre as situações vividas que fomos compartilhando.

1 - Doutora e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.  
 cribeiro.pareci@terra.com.br  
<http://orcid.org/0000-0001-5486-4187>  
<http://lattes.cnpq.br/1958559799658855>

2 - Professora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV).  
 chicaeckert@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-2815-7064>  
<http://lattes.cnpq.br/7446126566413577>

3 - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).  
 e-mail: fabriciobarreto@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-4284-0238>  
 CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/3082951793368318>

4 - Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - felipe.editoracao@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-3646-7641>  
<http://lattes.cnpq.br/8171419229468738>

A cada encontro, nas terças feiras à tarde, em reuniões virtuais, Fabricio avançava no ensino para aprendizagem dos ensaios fotográficos da etnografia do confinamento e cada pesquisador e pesquisadora passou a apresentar seus pontos de vista imagéticos dessa experiência tão diferenciada. Aberto ao debate, cada ensaio nos encantava com a forma criativa e afetiva com que o confinamento era versado. Aos poucos e na medida das possibilidades de cada caso e lugar, colegas da rede de pesquisadores da antropologia visual no Brasil, se somaram ao grupo: Alex e Luís de São Paulo, Jesus do Maranhão, Ana e seus alunos do Paraná, pesquisadores mesmo deslocados de seu local de moradia habitual conseguiram, em formas e constâncias variadas, manterem-se vinculados à nossa oficina. O mundo virtual vivenciado em seus prodígios, mas também em suas falhas e inaptidões.

Em especial fomos repassando as cargas emocionais e o sofrimento pelo medo, não somente do desconhecido, mas da forma inadimplente com que o governo central contrariava as orientações da OMS, desorientando e confundindo a população em relação às medidas para evitar a propagação do vírus, superlotando os hospitais e levando o país ao segundo lugar no ranking mundial de infectados e de vítimas por Covid-19.

Tensões abordadas em nossos encontros. Em debate sim, contudo afirmando afetuosa vontade argumentativa em que “ninguém larga a mão de ninguém”. Como editores da Revista Fotocronografias, acolhemos a ideia de organizarmos uma edição especial para reunir os trabalhos que foram assim sendo construídos de março a agosto de 2020. Mas organizar um número temático é muito trabalhoso e por sorte Claudia Ribeiro veio se somar a equipe de editores: Felipe Rodrigues, Fabricio Barreto e eu.

Deixo agora para Fabricio, Felipe e Claudia, adicionarem aqui seus escritos para testemunharem esta criação coletiva de uma ação imaginante que esperamos compartilhar com uma grande comunidade de apreciadores de narrativas etnográficas visuais sobre um tema carregado de anseios e medos, mas também e sobretudo, de superações.

Cornelia. Expondo nossa conversa contigo, eu Claudia aceito o convite que faz ao restante da equipe editorial que organiza este número especial da Fotocronografias. Participando desta apresentação, julgo relevante o meu duplo testemunho sobre estes meses nos quais efetivamente conseguimos — em medida que julgo bem além do que seria minimamente factível — transformar a nossa angústia coletiva pela pandemia em uma construção comunitária. Resultado que vejo obtido no sentido antropológico, à la Turner

mesmo, uma vez que enfrentamos uma situação liminar, algo que definitiva e radicalmente vêm nos transformando. A tal ponto, que julgo no presente momento muito difícil precisar em que medida mesmo estamos sendo desafiados a reinventar as nossas relações.

Ressalto primeiramente, como integrante do Navisual, um aspecto perceptível também por intermédio desta experiência de convívio. Absolutamente não banal, ele aponta para a mutação não apenas da atividade acadêmica (e internamente a ela, do nosso grupo de pesquisa): da necessidade premente de reinvenção pessoal, em nossos pertencimentos múltiplos e variados como seres relacionais. Depois, em segundo registro, minha experiência pessoal diz sobre o acolhimento generoso deste longo grupo. Metódica e tenazmente, tal atitude tem permitido ininterruptamente por 30 anos as atividades de discussão aplicada das possibilidades de bons usos das imagens na construção de conhecimento. Minha presença aqui demonstra a existência de conversas arejadas e de ótimo trânsito disciplinar, características das atividades que finalmente resultaram neste denso e variado conjunto de contribuições reflexivas agora apresentado. Ações de duração: criativas, dedicadas e ritmicamente persistentes, conseguiram manter “a chama da vontade do encontro” presente, apesar da situação adversa, como poderão Fabricio e Felipe detalhar com muita propriedade a seguir.

As atividades da oficina iniciaram despreziosamente, mais como um motivo para nos encontrarmos em um período de profundas incertezas. Cornelia e eu, Fabricio, nos encontrávamos via web para elaborarmos as propostas de atividades da semana. Tínhamos a ideia de propor tarefas que não sobrecarregassem nossos dias, mas capazes de preencher uma nova rotina com afazeres a proporcionar-nos alguma reflexão sobre o contexto que se impunha. Sobretudo, estávamos dispostos a continuar nossas reflexões por imagens, um sentimento de necessário refletir sobre o cotidiano, sobre as investigações em nossas pesquisas com imagens, acostumados a encontros presenciais, observações participantes e etnografias de rua. Diante das diversas impossibilidades que nos constituem enquanto pesquisadoras e pesquisadores em Antropologia inquietava-nos a aparente imobilidade imposta.

Aos poucos a Oficina foi tomando forma. Sistematizamos um cronograma de encontros embasado em trabalhos de artistas visuais, cineastas e aporte técnico na produção, tratamento e construção narrativa com fotografias. As referências teóricas habituais continuaram a integrar nossos calorosos debates, porém obrigadas a se adaptarem ao emprego no novo contexto pandêmico: demonstrando consistência conceitual no enfrentamento de suas

adversidades. Durante o período, todas as semanas 2 ou 3 colegas se responsabilizavam em apresentar seus trabalhos, ainda em construção, para debate durante as reuniões. Assim tínhamos a oportunidade de refazer fotografias, reconstruir narrativas, em permanente troca de experiências e conhecimento, para posterior reapresentação, em forma mais acabada e bem definida na direção do que estávamos querendo expressar.

A ideia para publicação de edição da Fotocronografias na temática da Oficina, Etnografia do Confinamento, veio no decorrer do processo. Neste momento, eu, Felipe, me alio na empreitada de formatar uma edição diante de diferentes desafios. Em primeiro lugar seria uma edição especial na medida em que nosso cronograma de publicações anuais já estava preenchido. Portanto, tínhamos a proposta de publicar um caderno extra para o contexto que se apresentava e merecia nossa atenção. Outras e outros pesquisadores e pesquisadoras foram convidada/os a participar da edição, contribuindo nesta diversidade de olhares sobre um fenômeno de nível global.

Outra questão que precisávamos tratar era a necessidade de absorver neste número a variedade de percepções, conteúdos e propostas apresentadas. A Fotocronografias vem se consolidando diante de princípios e diretrizes que colocam as fotografias, e conseqüentemente narrativas fotográficas, como prioridade em nossas publicações, e assim fomos conformando as Normas de Publicação da revista. Entretanto, frente ao quadro que se apresentava, recorremos a um recurso que chamamos de Normas Alternativas de Publicação. Assim, preservaríamos as diretrizes que vêm conformando a revista sem deixar de acolher as propostas de trabalhos. Nesta edição, nos permitimos, então, a uma espécie de curadoria, conceitualização que merece maior atenção no momento adequado. Mas, por ora, destacamos que não foi simplesmente um processo de organização, como usamos normalmente, mas que também não se enquadra em coautoria, por interferirmos nos trabalhos, e seria excessivamente despropositado da nossa parte. Logo, curadoria pareceu-nos a denominação mais adequada para o nosso atuar.

A Fotocronografias ainda tem um longo caminho a trilhar. Tendo em vista a qualificação permanente da publicação, estamos com autorização da UFRGS, instituição em que a revista está filiada, para transpor a revista para a plataforma SEER/OJS. Mais um desafio que se impõe quando precisaremos adequar os recursos oferecidos pelo sistema a nossa proposta de valorizar, em sua abrangência, a pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem.

Agradecemos a todas e todos que contribuíram para este dossiê conformando certo olhar sobre nossas vivências durante esse período que marcará, invariavelmente, nossas vidas. Convidamos você a percorrer nossos trabalhos. Conjunto que reafirma, mais do que nunca, a possibilidade de continuarmos nosso trabalho, com seriedade, saúde e alegria serena.

